

Sarney discute crise do Panamá em Assunção

Martha Feldman

ASSUNÇÃO — Os presidentes José Sarney, do Brasil, e Raúl Alfonsín, da Argentina, tiveram ontem, em Assunção, onde foram assistir à posse do general Rodríguez, um encontro reservado em que conversaram sobre a situação no Panamá e condenaram a intervenção militar norte-americana. Sarney admitiu, depois do encontro, que durou cerca de meia hora na suíte de Alfonsín, no hotel Iate Golfe Clube de Assunção, que tanto ele como o presidente argentino estão de acordo sobre a necessidade de uma posição comum "para assegurar a continuidade do processo democrático, qualquer que seja sua deformação, e consolidar a democracia no continente". Esta posição deverá ser apresentada na reu-

nção da OEA, na quarta-feira, em Washington.

Sarney acha que os outros países devem fazer o que o Brasil e a Argentina estão fazendo: demonstrar sua inconformação com as deformações do processo, mas jamais aceitar a intervenção. "Isto seria um retrocesso, voltar à política do *big-stick* coisa que nem os Estados Unidos desejam nem nós desejamos. Deve-se respeitar a vontade do povo do Panamá, representada na votação", disse.

Segundo o cerimonial da Presidência da República, foi o próprio presidente Sarney que solicitou o encontro, ainda na semana passada, e foi também ele que decidiu conversar a sós com Alfonsín, sem a presença de qualquer assessor.

Rodriguez: posse concorrida

ASSUNÇÃO — A cerimônia de posse do general Andrés Rodríguez como presidente eleito do Paraguai, ontem de manhã, na Praça da Constituição, em Assunção, foi uma espécie de festa de confraternização. Rodríguez prestou juramento constitucional e recebeu a faixa de presidente, cargo que de fato ele já exerce desde a madrugada do dia 3 de fevereiro, quando liderou o golpe que derrubou do poder, depois de três décadas, o ditador Alfredo Stroessner. Ao lado de Rodríguez, estavam três chefes de Estado sul-americanos — José Sarney, do Brasil, Raúl Alfonsín, da Argentina, e Julio Maria Sanguinetti, do Uruguai — e mais seis delegações estrangeiras, todo o Congresso Nacional eleito com ele e representantes da oposição paraguaia.

O novo presidente garantiu que sua subida ao poder, com o apoio das Forças Armadas, "fechou um processo para devolver à pátria atributos fundamentais". Mais do que isto, acrescentou, "o que importa não é apenas que tenha sido feito, mas que tenha sido feito para sempre".

O presidente eleito por mais de 72% dos votos dos paraguaios no último dia 1º — foi brindado no seu ato de posse com a presença do mais conhecido opositor do antigo regime paraguaio e candi-

dato derrotado do Partido Liberal Radical Autêntico, Domingo Laino, dono de uma cadeira no Senado também. Numa demonstração de maturidade política, Laino disse que foi à praça e depois à missa na Catedral Metropolitana porque considera que "até que volte a normalidade ao país, é preciso aceitar o processo desencadeado com a derrubada de Stroessner". Reconhecendo que, "no princípio a oposição terá que engolir muitos sapos e cobras", ele garantiu que está aceitando as regras e colaborando para que se inaugure a autonomia do país outra vez.

Um dos pontos altos da programação da festa de posse, que coincidiu com os festejos dos 178 anos da independência paraguaia, foi a missa rezada pelo arcebispo de Assunção, monsenhor Ismael Rolon, na Catedral Metropolitana. Depois de ter desempenhado importante papel no processo de transformação do cenário político paraguaio, dando apoio ao movimento desencadeado por Rodríguez, o arcebispo fez um sermão de condenação à ditadura de Stroessner e de grande esperança no futuro paraguaio. "O dia 3 de fevereiro foi um ponto histórico, nascido da consciência popular que irrompeu na rua", disse o religioso.